

# FRASEOLOGIA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES BRASILEIROS

Antonio Luciano Pontes<sup>1</sup>

## Resumo

Ainda hoje, é comum encontrar produtos lexicográficos que não incorporam em sua composição, com uma frequência significativa, unidades fraseológicas (UFs), ou que delas tratam de forma inadequada em obras que se definem produtivas, como, por exemplo, dicionários escolares. Neste trabalho, pretendo examinar o modo como as fraseologias se comportam, do ponto de vista gramatical e semiótico, e como se configuram na composição dos verbetes em dicionários escolares brasileiros. Para tanto, tomo por base as pesquisas desenvolvidas por Pastor (1996, 1997), Pérez (2000), Escribano (2003), Martínez (2003), López (2006), Pontes (2009). Os verbetes que compõem o corpus foram extraídos de dicionários escolares brasileiros avaliados pelo Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) e adotados por professores de escola pública para o ensino fundamental, quais sejam: Cegalla (2005), Bueno (2007), Luft (2009), Aulete (2009), Ferreira (2010), Mattos (2010), Rocha (2010).

**Palavras-chave:** Dicionário Escolar. Fraseologia. Subentrada.

## Abstract

Even today, it is common to find lexicographical products that do not incorporate phraseologies in their composition, or just treat them inadequately in works defined as productive, such as school dictionaries. In this paper, I intend to examine how phraseologies behave in terms of grammar and semiotics, and how they are shaped in the composition of the entries in Brazilian school dictionaries. To do so, I base my work on the research carried out by Pastor (1996, 1997), Pérez (2000), Escribano (2003), Martínez

(2003), López (2006), Pontes (2009). The entries that make up the corpus were extracted from Brazilian school dictionaries adopted by public elementary school teachers and evaluated by the National Textbook Program (PNLD), namely: Cegalla (2005), Bueno (2007), Luft (2009), Aulete (2009), Ferreira (2010), Mattos (2010), Rocha (2010).

**Keywords:** Scholar dictionary. Phraseology. Subentries.

## INTRODUÇÃO

No passado, era comum encontrar trabalhos lexicográficos que não viam as unidades fraseológicas (UFs) como objeto de estudo. A perspectiva sob que esses trabalhos eram realizados trazia subjacente, segundo López (2006), a crença de que a palavra simples era a unidade de significado por excelência.

E essa crença na palavra simples se pautava somente na face escrita da palavra, ou seja, apenas em sua parte material. Nos estudos de linguagem desenvolvidos até então, era de opinião geral entender que esse registro (face escrita, em oposição à face oral) seria a forma da palavra mais perfeita e cuidada, além de comportar uma estrutura estabilizada e simples.

A consequência desse enfoque tradicional, em que a palavra simples constituía a abordagem legítima, foi a exclusão de todas as unidades definidas como fraseologias dos estudos linguísticos. Uma vez que as unidades fraseológicas carregam em si um tom popular e se constituem em um conglomerado pluriverbal, caracterizado por uma relativa fixação entre seus elementos, não havia lugar para tais unidades nesses estudos.

Essa concepção tradicional de palavra, sem dúvida, teve repercussões nos estudos de Lexicografia tradicional,

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: pontes321@hotmail.com

quando, por muito tempo, deixou de fazer reflexões sobre fraseologia e suas diversas unidades. Como consequência, os produtos lexicográficos não as contemplavam em sua composição nem sempre as tratavam adequadamente, principalmente em obras destinadas aos escolares.

Outro aspecto da Lexicografia mais tradicional que se apresenta como consequência da concepção tradicional de palavra é, conforme reconhece López (2006), seu enfoque pedagógico. Para esse autor, o objetivo fundamental da Lexicografia didática tradicional era a codificação da enunciação, mais que a produção.

Hoje, com as contribuições da Linguística contemporânea, de orientação discursiva e pragmática, muitos lexicógrafos reconhecem a fraseologia como unidade necessária ao desenho de uma Lexicografia produtiva. Esses pesquisadores entendem a fraseologia como uma parte do léxico, o que a tem colocado, atualmente, como “parte das investigações lexicológicas, semânticas e discursivas (...)” (MARÍN, 1991, p.117).

Neste trabalho, pretendo examinar o modo como as fraseologias se comportam, do ponto de vista gramatical e semiótico, e como são representadas no interior dos verbetes em dicionários escolares. Para tanto, tomo por base as pesquisas desenvolvidas por Pastor (1996, 1997), Pérez (2000), Escribano (2003), Martínez (2003), López (2006) e Pontes (2009).

Os verbetes que compõem o *corpus* foram extraídos de dicionários escolares brasileiros avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e adotados por professores de escola pública para o ensino fundamental. Os dicionários estudados foram: Cegalla (2005), Bueno (2007), Luft (2009), Aulete (2009), Ferreira (2010), Mattos (2010), Rocha (2010).

O artigo se organiza em três seções. Inicialmente, apresento os fundamentos teóricos que nortearam a análise. Em seguida, discuto questões relativas a fraseologias. Por fim, analiso a representação de unidades fraseológicas no corpo de verbetes de dicionários brasileiros.

## 1 A QUESTÃO DA FRASEOLOGIA

Segundo Pastor (1996, p.20), as fraseologias se definem por tratar-se de uma expressão formada por várias palavras, portanto, denominadas unidades poliléxicas; caracterizam-se, ainda, por sua alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes, por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica, por sua idiomaticidade e variação potenciais, assim como pelo grau em que se dão estes aspectos nos diferentes tipos.

Examinando a orientação de vários autores, podem-se reconhecer unidades de extensão variada no âmbito das unidades fraseológicas. Martínez (2003), por exemplo, com base na aceção de unidade fraseológica como conjunto de

unidades, afirma que, por um lado, se encontra aquela postura que limitaria, ao âmbito da fraseologia, as expressões fixas, tais como os *idioms* (ou expressões idiomáticas) e, por outro, há aquela que inclui nessa unidade léxica provérbios e ditos.

Mas há quem inclua também, entre as fraseologias, as colocações e, finalmente, há autores que englobam neste campo todos os tipos de unidades plurilexemáticas, abrangendo os compostos. Neste trabalho, uso o termo fraseologia no sentido mais amplo: o de incluir tanto a expressão proverbial quanto o composto sintagmático em sua classificação.

O domínio fraseológico, como se pode observar, nem sempre é fácil de traçar. Isso já reconhecera Gurillo (1997, p.45), quando afirmou: “tanto a fronteira entre as UFs e as que não são, como a fronteira entre os diferentes tipos de fraseologismos constituem limites tênues e, frequentemente, difusos”.

## 2 A CLASSIFICAÇÃO DAS FRASEOLOGIAS

Aqui será concebida a fraseologia como a unidade léxica que apresenta as seguintes características: ser formada por mais de uma palavra, ser convencional, ser estável em diversos graus, apresentar certa particularidade sintática ou semântica, além de possibilitar variação de seus elementos integrantes.

Desse modo, com base em Gurillo (1997), pode-se estabelecer uma classificação não discreta das fraseologias, partindo da ideia de que, entre as referidas unidades, há umas mais centrais - mais fraseológicas - que outras, pois o autor considera que o grau de fixação e o de idiomaticidade é variável.

O autor ainda distingue fraseologias nucleares, caracterizadas por sua fixação e idiomaticidade (*a ojos vistos*) passando por diferentes graus até chegar às unidades fraseológicas situadas na periferia, denominadas periféricas e caracterizadas por maior criatividade e riqueza (*reciénnacido/casado/llegado*).

Noutras palavras, quanto mais idiomático o fraseologismo, mais tende a ocupar o centro da categoria fraseológica, ou seja, o protótipo. O mesmo ocorre para o critério fixação: quanto mais fixo o fraseologismo, mais tende a ocupar o centro da categoria; já as formas menos fixas se situam na periferia.

As unidades fraseológicas apresentam diferentes graus de coesão que podem classificar-se em diversos grupos. Identificam-se, com base em Pastor (1997), Martínez (2003) e Pérez (2000), cinco categorias fundamentais: formações sintagmáticas (ou compostos sintagmáticos), locuções, expressões idiomáticas, frasemas pragmáticos, colocações. Neste artigo, conforme já mencionado, adiciono a essa lista mais uma categoria, a expressão proverbial, que, por alguns teóricos, é tratada por uma disciplina intitulada Paremiologia.

## 2.1 Formação sintagmática

A formação sintagmática caracteriza-se como fraseologia impropriamente dita. Também é denominada composto sintagmático por se encontrar em vias de lexicalização, pois seus elementos constitutivos não estão ainda tão solidários entre si; por isso, não cabe usar o hífen separando as *partes do composto*.

Alves (1990, p.52) distingue composto sintagmático e composto propriamente dito. A autora observa que os lexicógrafos, de maneira implícita, manifestam diferença entre o composto, já fixo, e o sintagma, em transição, ao atribuírem entradas distintas para unidades compostas (p.ex. guarda-roupa), e subentradas para unidades sintagmáticas (p.ex. ave de arribação). Na seção 3.1, serão dadas mais informações sobre o conceito de subentrada.

Nos dicionários selecionados para este estudo, os compostos sintagmáticos ocorrem com muita frequência, sobretudo quando nomeiam as noções de uma determinada área do conhecimento. Observe o exemplo a seguir, extraído de Ferreira (2010):

---

**fu.so sm. 1.** Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca. ♦ **Fuso horário.** Cada uma das 24 partes da superfície terrestre limitadas por meridianos distantes entre si de 15 graus: em cada uma delas, a hora, por convenção, é a mesma.

---

Nesse exemplo, o composto sintagmático representado pela subentrada se situa na parte final do verbete, como é praxe na lexicografia brasileira, seguida da definição. No caso, a subentrada vem destacada em negrito, diferenciando-se da entrada, que vem na cor azul.

Assim, para o autor, entrada e subentrada organizam-se no contexto do verbete em relação hierárquica, sendo a subentrada inferior e a entrada como segmento principal, embora de fato assumam papéis semelhantes: o de ser tema da enunciação. O que de fato iguala, em termos de função, a entrada e a subentrada é a presença do símbolo ♦, pelo fato de a cor azul colorindo o símbolo aproximar as referidas funções que de fato são iguais: as de tema da enunciação no texto-verbete.

Veja, ainda, outro exemplo em Ferreira (2010):

---

**Grau sm 1.** Cada um dos pontos ou estágios sucessivos duma progressão. ♦ **Grau Celsius.** *Fís.* Unidade us. na medição de temperaturas segundo a escala *Celsius* (q.v.) [Sin.: *grau centígrado* (impr.).]

---

Nesse exemplo, aparece, após a subentrada, uma marca de uso do tipo diatécnica, depois vem a definição e outras informações. As marcas diatécnicas vêm em itálico e abreviadas.

Marcas diatécnicas são etiquetas, geralmente abreviadas, usadas para indicar as restrições de uso dos termos

no contexto da comunicação técnico-científica, como: Medicina (med.), Gramática (gram.), Patologia (Pat), Botânica (bot.), Informática (inform.).

## 2.2 Locução

A locução é definida pela função que desempenha e pela equivalência que tem com as classes de palavras. Casares (1950) a classifica em dois grupos: locuções significantes, que se caracterizam por oferecer um significado léxico, e conexivas, cujo comportamento equivale ao de uma conjunção ou preposição e não têm, portanto, verdadeiro significado. As primeiras podem, por sua vez, classificar-se em nominais, adjetivais, verbais, adverbiais, pronominais, segundo equivalham a um nome, adjetivo, verbo, advérbio, pronome; e as segundas, em conjuntivas e prepositivas.

Assim, as locuções substantivas desempenham as mesmas funções de um substantivo ou de um sintagma nominal; a locução adjetiva, por sua vez, comporta-se como adjetivo, desempenhando as funções oracionais básicas de atribuição e predicação; já as locuções verbais expressam processos e equivalem a um sintagma verbal; do mesmo modo, ocorrerá com as locuções adverbiais e as pronominais, que desempenharão, respectivamente, as funções de advérbio e pronome.

Para Pérez (2000), a locução forma parte do sistema, classifica-se de acordo com um critério funcional e deve identificar-se no dicionário mediante o uso de abreviaturas: locução nominal (loc.nom.), locução verbal (loc.verb.) etc.

Entre os tipos de fraseologias, a locução é aquela que ocorre com muita frequência nos dicionários escolares, sobretudo as adverbiais. A locução, tal como as expressões idiomáticas, vem representada no verbete de diferentes formas pelos autores.

Ferreira (2010), por exemplo, coloca uma parte da locução já na entrada principal, quando a base é representada por um substantivo sem autonomia formal. No verbete abaixo, a locução é considerada como uma subentrada, indicada por um losango em azul, que tem a função de separar as observações gramaticais e contextuais e a subentrada, que vem negritada.

---

**es.cu.ras el. sfpl.** Us. na loc. *às escuras* ♦ **Às escuras.**  
No escuro.

---

Por outro lado, Bueno (2007) introduz as informações gramaticais abreviadas após a entrada, seguida da locução de forma plena, para depois defini-la. Veja que o autor não representa a locução como subentrada, mas junta-a ao segmento *Informação gramatical*.

---

**ESCURAS**, s.f.pl. usada na loc. adv. *às escuras*: sem luz; ocultamente; desorientadamente. **es.cu.ras**

---

Nos casos em que a locução provém de uma unidade léxica independente formalmente (como **pé**), tal locução aparece como subentrada plena. Observe, por exemplo, em Ferreira (2010):

---

**pé** *sm.* **1.** *Anat.* Cada uma das 2 extremidades do corpo humano, uma em cada membro inferior. ♦ **Pé ante pé.** Na ponta dos pés.

---

Veja que nem sempre a marca **loc.** (locução) ocorre, a não ser quando a expressão tem por base um substantivo independente.

## 2.3 Expressão idiomática

A expressão idiomática é definida como sintagma lexical relativamente fixo, cujo significado não reflete os significados de suas partes constituintes. Para Tagnin (2005, p.16), uma expressão idiomática define-se como tal quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus significados. Assim, *bater as botas*, por exemplo, não significa uma ação que envolve o pé e parte da perna, mas quer dizer morrer.

As expressões idiomáticas podem ser verbais (**esticar a canela**), comparativas (conhecer **como a palma da mão**), adjetivas (ser **maior e vacinado**). Esses tipos de unidades lexicais são registradas comumente como subentradas nos dicionários escolares. Observe os exemplos abaixo:

Em Mattos (2010):

---

**Pisar** *v.* **1.** Pôr os pés em cima de alguma coisa - *pisar o chão.* // **Pisar na bola.** Fazer alguma coisa errada - *Respondendo a uma pergunta do professor, o aluno pisou na bola.* **Pi.sar**

---

Em Ferreira (2010):

---

**bri.ga** *sf.* **1.** Luta; conflito ♦ **Comprar briga.** Meter-se em conflitos, sem necessidade ou proveito.

---

Como se pode ver, o significado de toda a expressão não é previsível a partir do significado de suas partes, tornando-se expressão de significado não transparente ou opaco.

Em relação ao símbolo escolhido para a indicação da subentrada, em Ferreira (2010), a subentrada vem marcada por um losango, na mesma cor da entrada. Já, em Mattos (2010), a referência para indicar tal função é por duas barras inclinadas.

## 2.4 Frasema pragmático

O frasema pragmático é definido como uma unidade de significado transparente, mas fixadas em relação a uma situação determinada, como: **até logo** ou **até logo mais**. No exemplo a seguir, extraído de Ferreira (2010), observe como o frasema pragmático aparece no interior do verbete.

---

**lo.go** *adv.* **1.** Sem tardança; imediatamente. **2.** Com a maior brevidade. **3.** Daqui a pouco. **4.** Exatamente, justamente. **5.** Ainda por cima; por cúmulo: *Essa chuva, logo hoje, quando iríamos à praia!* • *conj.* **6.** Por conseguinte; portanto. ♦ **Logo mais.** Dentro em pouco; em breve. **Logo que.** No momento em que; assim que, tão logo, mal. **Até logo** ou **até logo mais.** Cumprimento de despedida (quando se espera rever previamente o interlocutor); **até mais.** **Tão logo.** *V. logo que.*

---

Conforme já afirmado, as fraseologias, como no caso dos frasesmas pragmáticos, vêm, em geral, representadas como subentrada e marcadas por um símbolo ou outro tipo de sinal para indicar a separação entre as informações da entrada e a parte referente à subentrada.

## 2.5 Colocação<sup>2</sup>

A colocação é definida como combinação habitual de palavras fixadas pelo uso<sup>3</sup>, ou seja, como formação de duas ou mais palavras que, com frequência, aparecem juntas e, por esse motivo, são em certa medida previsíveis, dada a sua frequência de ocorrência e seu grau de idiomaticidade: a presença de uma(s) palavra(s) pode(m) evocar a presença de outra(s) para falantes nativos da língua.

Por exemplo, o verbo *plantar* combina habitualmente com *tipo de planta*, elemento especificador, tendo-se, assim, as colocações **plantar cajueiro**, **plantar mangueira**, **plantar coqueiro**. Pode-se afirmar, então, que as unidades fraseológicas citadas são convencionais, pois consistem em produções linguísticas criadas repetidamente no discurso até serem consolidadas pelo uso.

A colocação também se define do ponto de vista de sua estrutura gramatical, apresentando-se em vários tipos, como, por exemplo:

verbo + substantivo (objeto) - plantar cajueiro  
substantivo + adjetivo - calor sufocante  
advérbio + adjetivo - altamente inteligente  
verbo + advérbio - agradecer imensamente  
substantivo + preposição + substantivo - ciclo de conferências.

<sup>2</sup> O termo colocação originou-se do inglês *collocation*. Este termo foi utilizado pela primeira vez por Firth, em 1957.

<sup>3</sup> Segundo Pérez (2000), as colocações fazem parte da norma, devido a sua frequência de uso.

As colocações apresentam traços de interseção entre os diversos tipos de unidades fraseológicas. As colocações identificam-se por sua regularidade gramatical e sua transparência semântica, mas não são combinações livres, devido à fixação de seus componentes. Constituem, conforme Zuluaga (2002), uma prova evidente da dinamicidade e gradualidade dos fatos da linguagem.

Nos dicionários escolares, raramente as colocações funcionam como subentradas. Veja um exemplo em Ferreira (2010):

---

**download** *sm.* Em redes de computadores, obtenção de cópia de um arquivo localizado em máquina remota. ♦ **Fazer um download.** *Inform. V. baixar (2).*

---

Aqui, a colocação apresenta-se com uma marca de uso, do tipo diatécnica, o que, em geral, é comum acontecer quando a unidade lexical faz parte de um domínio técnico-científico.

As colocações têm tratamento diferenciado, mormente em relação a sua disposição no corpo do verbete.

## 2.6 Expressão proverbial

Por fim, incluo entre os tipos de fraseologias os provérbios, que se definem como expressões fixas, cristalizadas e consagradas pelo uso. Para Azevedo e Fernandes (2009), caracterizam-se por sua origem na sabedoria popular e pela grande circulação social e identifica-se como enunciados facilmente reconhecíveis e memorizáveis. No exemplo a seguir, extraído de Cegalla (2005), observe como a expressão proverbial aparece no interior do verbete.

**Macaco** *s.m.* 1 mamífero selvagem de pêlos pretos ou marrons, cauda longa e vista frontal. ♦ **macaco velho não mete a mão em cumbuca** pessoa vivida não se deixa apanhar facilmente. **cada macaco no seu galho** usada para lembrar que cada um deve opinar apenas sobre o que entende, ou o que cada um deve agir de acordo com sua competência.

Sintetizam-se os tipos de UF, no quadro abaixo:

1. Formação sintagmática
2. Locução
3. Expressão idiomática

Expressão idiomática verbal  
Expressão idiomática comparativa  
Expressão idiomática adjetival

4. Frasema pragmático
5. Colocação
6. Expressão proverbial

## TIPOS DE FRASEOLOGIA

Desde as formações sintagmáticas até as expressões proverbiais, todos os tipos apresentam níveis de convencionalidade, idiomaticidade e fixação variáveis nos dicionários estudados. Por isso, qualquer tentativa rígida de distinções entre as várias categorias de fraseologismos “constitui uma diferenciação artificial que responde a um *continuum* de difícil segmentação”. (GURILLO, 122, p. 1997).

## 3 A LOCALIZAÇÃO DA FRASEOLOGIA NO VERBETE DO DICIONÁRIO

Examinando nesta seção os diversos paradigmas ou segmentos onde as fraseologias se localizam, já que podem aparecer em pontos diferentes ao longo do verbete, sendo a subentrada o lugar onde mais frequentemente elas aparecem. Antes, preciso apresentar algumas informações sobre tal segmento.

### 3.1 As fraseologias representadas na subentrada

Nos dicionários escolares considerados neste trabalho, há um componente sintagmático atualizado na subentrada, denominado fraseologia, que se situa no interior do verbete lexicográfico. Mais precisamente, localiza-se, em geral, hierarquicamente abaixo da palavra-entrada, após as acepções da entrada principal. Assim sendo, se apresenta mais facilmente localizável, no momento da busca.

A subentrada, pois, é representada por unidades fraseológicas (UFs), definidas como expressões em graus diferentes de fixação e de idiomaticidade<sup>4</sup>, resultando em diversos tipos.

*Formas de ordenação das fraseologias no verbete*

As fraseologias são essenciais para ajudar o leitor-aprendiz na construção de seus textos. Porém, é necessário que o lexicógrafo explique, na parte introdutória do dicionário, como e onde encontrá-las no interior do verbete.

No entanto, os lexicógrafos brasileiros, em sua maioria, não apresentam na introdução uma orientação para o leitor localizar as fraseologias que buscam. No material analisado neste estudo, identifiquei apenas em Aulete (2009) e em Ferreira (2010), embora muito breve, tal instrução.

---

<sup>4</sup> Esse é “o processo de gramaticalização mediante o qual se consolida paulatinamente o uso, exclusivo ou não, de certas palavras em uma expressão dada até formar-se um significado conjunto inalisável” (PASTOR, 1996, p.25). Esse é um traço semântico característico das combinações fixas cujo sentido não se pode deduzir dos significados dos elementos constituintes. Este conceito define a idiomaticidade absoluta, dentro de uma visão logicista da Lexicografia.

Observando detidamente alguns dicionários, percebe-se que seguem a regra segundo a qual o registro de uma expressão dá-se pela primeira palavra, por ordem de preferência, substantivo, adjetivo, pronome e advérbio. Assim, pois, expressões fixas, como **fim do mundo**, deverão ser buscadas em **fim** e não em **de**, nem em **mundo**; **a fim de**, em **fim**; **até logo mais**, em **logo**.

Quando num mesmo verbete se registram várias fraseologias, estas aparecem ordenadas entre si alfabeticamente, como em Ferreira (2010):

---

**dis.co sm.** 1. Objeto claro e circular. ♦ **Disco intervertebral.** *Anat.* Cada um dos discos da cartilagem, situados entre vértebras adjacentes. **Disco magnético.** *Inform.* Disco (4), ou conjunto de discos, em que as informações são registradas magneticamente.

---

Neste caso, as diversas fraseologias situam-se após a última acepção da entrada e ordenam-se entre si alfabeticamente. Um símbolo marca o início da série de fraseologias, que costumam ser bem destacadas, no interior do verbete.

No entanto, em alguns casos, aparecem tipos diversos de fraseologias. Os autores costumam, nesses casos, agrupá-las em tipos. Assim, cada tipo se ordena entre si alfabeticamente, como em Ferreira (2010):

---

**fim sm.** 1. Conclusão; final. 2. Extremidade; final. 3. A última parte ou fase de algo; final. 4. Causa. 5. Alvo. 6. Morte (1 e 2). [Pl.: *fins*.] ♦ **Fim de semana.** Dia(s) que, na semana, se aproveita(m) para descanso e lazer (ger. domingo, ou sábado e domingo). **Fim do mundo.** 1. Lugar longínquo; cafundó. 2. Grande transtorno. 3. Desgraça total. **A fim de.** Com a intenção de. **Por fim.** Depois de muito tempo ou esforço; afinal, enfim, finalmente.

---

Como se vê, há um caso de fraseologia, do tipo formação sintagmática (constituído pelos sintagmas **fim de semana**, **fim do mundo**, dispostos entre si alfabeticamente) e, em seguida, Ferreira coloca um outro tipo, a locução prepositiva (formado pelos sintagmas **a fim de**, **por fim**, também ordenados entre si alfabeticamente).

#### *Grafia da subentrada*

Tal como a entrada principal, a subentrada costuma estar bem em destaque. Por isso, as subentradas são tipograficamente diferenciadas do resto do verbete. Isso para facilitar o acesso. As subentradas (locuções e expressões) vêm, em geral, em negrito ou em com outro destaque e, muitas vezes, ainda vêm indicadas por algum símbolo tipográfico.

Conforme Damim (2005), esse procedimento de destaque das subentradas faz com que o consulente possa percorrer a microestrutura de forma mais rápida e objetiva, sem ter que ler todo o seu conteúdo, detendo-se apenas nos

pontos principais, até encontrar a fraseologia que procura, ocupada pelo segmento subentrada.

Entre os autores estudados, o tipo de letra da subentrada, em geral, é diferente em relação ao da entrada. Em Mattos (2010), por exemplo, a entrada se apresenta em azul negrito, de tamanho um pouco maior em relação ao resto do verbete, e a subentrada em negrito, como, por exemplo:

---

**Filosofia** *sf.* 1. Estudo que se faz somente pensando, sem precisar ver, ouvir tocar as coisas // **Filosofia de vida.** *Escolha de maneira de viver.*

---

De forma diversa, Cegalla (2005) registra a subentrada em azul, na mesma cor da entrada, aproximando, assim, as duas funções. Tal aproximação de cor remete ao conceito de rima visual proposto por Kress e Leeuwen (2006), que consiste na repetição de cores e formas em elementos diferentes da composição para aproximar funções.

De fato, do ponto de vista lexicográfico, essas funções são idênticas, apenas se situam uma abaixo da outra; já o procedimento utilizado por Mattos parece demonstrar categorias muito distintas, apesar de ser um procedimento mais adequado, no sentido de agilizar a localização das informações.

Outra marca a se observar, nos verbetes abaixo, é que os autores costumam repetir a base do sintagma fraseológico, como procede, por exemplo, Ferreira (2010). Já Bueno (2007) prefere usar um traço longo (-) ao em vez de repetir a base e Aulete (2009), por sua vez, opta pelo seguinte símbolo: (.). Os exemplos abaixo ilustram a representação da base nas subentradas, respectivamente, conforme os autores citados:

---

**du.ro adj.** 1. Que não é tenro ou mole; rijo. ♦ **Dar um duro.** *Bras.Gir.* Trabalhar muito.

---

---

**IMAGEM**, *s.f.* Representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.; —virtual [ópt.]: é aquela que resulta de raios divergentes, não pode ser projetada e é simétrica em relação a um espelho plano.

---

---

**loja sf.** Casa comercial onde se expõem e vendem produtos. ■ **de conveniência** *Bras.* Loja que ger. fica aberta 24 horas por dia, para venda de produtos de consumo, como bebidas, cigarros, revistas etc.

---

Veja que a indicação da base da subentrada por um símbolo parece não ser a forma mais clara e nítida para o consulente. Porém, para os teóricos da Lexicografia a clareza é algo que deve ser compatível com a economia de espaço (SOUSA, 1995, p. 316).

Ainda sobre os exemplos acima, vale afirmar que, quanto ao uso dos símbolos, Ferreira (2010), por exemplo, utiliza-se de um tipo losango, com o qual sinaliza a presença

da subentrada, já Aulete prefere um sinal do tipo [■] e Bueno, por sua vez, opta por um sinal de pontuação (;) para tal função.

Como os símbolos são convencionais, cada autor procura usar uma simbologia própria, indicando, na parte inicial do dicionário, uma lista de símbolos com o significado correspondente a cada um. Assim, todos os autores estudados tentam, a seu modo, destacar a subentrada.

Vale ainda acrescentar que Aulete, no verbete em análise, apresenta uma marca de uso do tipo regional (*Bras.*) após a subentrada, e Ferreira se utiliza de uma marca regional (*Bras.*) e outra, de cunho social (*Gír.*). As marcas de uso são, segundo Escribano (2005, p.114), as restrições de uso de uma palavra. Dito de outra forma, são as informações concretas sobre os diversos tipos de particularidades que restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas.

#### *Subentrada e regras de definição*

Os autores de dicionários normalmente não uniformizam a definição das subentradas. Enquanto uns preferem a base do sintagma como descritor para iniciar a definição, outros preferem distinguir para cada subentrada um tipo de descritor para a definição.

Observe em Rocha (2010):

---

**a.ve sf Ave de arribação.** *loc* A que emigra para as regiões quentes quando é inverno na região onde vive. **Ave de rapina.** *loc* Ave carniceira que se caracteriza pelas garras de unhas longas e fortes e bico adunco e perfurante: são os gaviões, os abutres em geral, etc.

---

O verbete iniciado por **ave** compõe-se de duas subentradas, porém suas definições não são uniformes uma em relação a outra, pois o descritor da primeira é **a**; e o da segunda, **ave**, a base do sintagma nominal.

Costuma-se uniformizar, em geral, preferindo a base do sintagma como descritor para iniciar a definição, como, por exemplo, em Mattos (2010):

---

**Lua** sf. [Astronomia] **1.** Astro que gira em torno de um planeta: satélite.//**Lua cheia.** Lua que aparece inteira. **Lua crescente.** Lua em que a parte vista vai aumentando. **Lua minguante.** Lua em que a parte vista vai diminuindo. **Lua nova.** Lua que desapareceu da vista.

---

Como se observa, os sintagmas são definidos a partir do mesmo descritor, **lua**. A uniformidade deverá basear-se no fato de que para definir os compostos sintagmáticos, cujo núcleo seja um substantivo, a definição deverá começar pela repetição desse substantivo.

Em relação à definição, a maioria dos autores aqui ilustrados prefere apresentar uma definição redigida em uma sintaxe artificial, sem incluir antes do descritor um

verbo de ligação. Bueno (2007), ao contrário, prefere a presença do verbo, utilizando-se, assim, de uma sintaxe natural, como aparece em textos produzidos em contextos reais de comunicação. Assim, para **imagem virtual** o autor definiu: “é aquela que resulta de raios divergentes, não pode ser projetada e é simétrica em relação a um espelho plano”.

### **3.2. As fraseologias contidas nos exemplos**

A fraseologia do tipo colocação pode se apresentar fazendo parte do segmento *exemplo de uso*. Ilustro tal fato no exemplo de Mattos (2010), que, para a entrada **baixar**, apresenta, como *exemplo de uso*, o seguinte enunciado: *o diretor da escola baixou uma norma disciplinar*; em que *baixou uma norma disciplinar* constitui uma colocação.

Aqui a colocação se situa no segmento *exemplo de uso*, sendo o caso mais comum nos dicionários estudados.

### **3.3. As fraseologias contidas na definição**

A fraseologia do tipo colocação também pode se apresentar fazendo parte do segmento *definição lexicográfica*. Ferreira (2010) apresenta tal fato na definição para a entrada *revistar*, como: Submeter a revista (2).

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, apresento algumas características fundamentais dos dicionários estudados em relação às fraseologias e sua representação.

Nos dicionários estudados, as fraseologias se situam após as acepções, raramente se exemplificam, mas sempre se definem. E se encontram destacadas com letras diferenciadas e introduzidas em geral por um símbolo. Com exceção de Aulete e de Ferreira, nenhum outro autor apresenta as formas de como identificá-las no interior do verbete.

Há dicionários que trazem um número grande de fraseologias, de diversos tipos, como, por exemplo, o de Ferreira (2010); outros, porém, como o de Rocha (2010), poucos exemplos apresentam.

Do ponto de vista tipográfico, a subentrada se apresenta de duas formas: 1) a subentrada é representada na mesma cor em relação à entrada aproximando esses segmentos, procedimento caracterizado como um caso de rima visual; ou 2) a subentrada vem registrada em cor diferente em relação à entrada, como se fossem duas funções distintas, procedimento que se define como uma relação de subordinação.

Em ambos os casos, a entrada vem em primeiro lugar porque é aquela que apresenta maior interesse na consulta de um dicionário, conforme observa Antunes (2007), e a subentrada, por ser menos consultada, vem abaixo da palavra-entrada, no final do verbete.

Com exceção de Bueno e de Aulete, nenhum outro autor substituiu a base da expressão por algum tipo de símbolo. A substituição ocorre por medida de economia de espaço.

As fraseologias, de qualquer tipo, vêm marcadas, em geral, por um símbolo ou outro tipo de sinal para indicar a separação entre as informações da entrada e a parte referente à subentrada.

As marcas diatécnicas se apresentam, para efeito de restrições de sentido, após as fraseologias relacionadas com as áreas do conhecimento, já as marcas regionais e socio-linguísticas raramente marcam as fraseologias.

Há outras formas de representar as fraseologias que não somente por meio das subentradas: algumas são representadas mais comumente fazendo parte da definição e dos *exemplos de uso*, como é o caso das colocações.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- AZEVEDO, Priscila; FERNANDES, Luis Carlos. A dupla função do provérbio: reiteração do mesmo e a imposição da subjetividade em gêneros discursivos do cotidiano. In: *Celli - Colóquio de estudos lingüísticos e literários* 3, 2009, p.1965-1973.
- CASARES, Julio. *Introducción a la Lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1950.
- DAMIM, Cristina. *Proposição de critérios metalexigráficos para avaliação do dicionário escolar*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- ESCRIBANO, Cecílio Garriga. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, A. M. Medina (org.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel Linguística, 2003, p.103-126.
- GURILLO, Leonor Ruiz. *Aspectos de Fraseología teórica española*. Valência: Universitat de Valência, 1997.
- KRESS, Günther; LEEUWEN, Theo van. *Reading images: the grammar of visual design*. New York: Routledge, 2006.
- LÓPEZ, Juan A. Martínez. Las expresiones fijas: elementos del entorno y discriminación semántica. *Filología y Lingüística XXII*, 2006, p.211-221.
- MARÍN, Juan Martínez. Los diccionarios escolares del español: lo que son y lo que deberían ser. In: *Diccionarios españoles: contenido y aplicaciones*, 1991, p.65-90.
- SOUSA, José Martínez de. *Diccionario de Lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- MARTÍNEZ, Sílvia Monteiro. Estructuración conceptual y formalización de frasesmas en el subdominio de la oncología. *Estudios de Lingüística Española*. 2003. Disponível em: <// elies.rediris.es / elies 19/index.html>. Acesso em: 21 abr 2011.
- PASTOR, Gloria C. Expresións fraseolóxicas e colocacións: clasificación. In: *Actas do I coloquio galego de Fraseología*. Vigo: Xunta de Galicia, 1997, p.31-62.
- \_\_\_\_\_. *Manual de Fraseología Española*. Madrid: Gredos, 1996.
- PÉREZ, M. Isabel. *Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán*. Tese (doutorado em Filologia) - Universidad de Alicante, 2000.
- TAGNIN, Stella E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
- ZALUAGA, Alberto. *Los “enlaces frecuentes” de Maria Moliner sobre las llamadas colocaciones*. Berlin: PhiN, 22, p. 56-74, 2002.

## Fontes

- AULETE, Caldas. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2007.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- MATTOS, Geraldo. *Dicionário Júnior da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: FTD, 2010.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2010.